

A Alegoria da Caverna numa garagem de Lisboa

Gonçalo Frota

Na sua primeira encenação, Sílvio Vieira apresenta uma peça silenciosa, Arena. Do cinema mudo a Platão, da desagregação à libertação

Sílvio Vieira já andava convencido de que a palavra está “um pouco gasta” nos palcos de teatro. Porque é impossível não se ser assombrado pelas “palavras riquíssimas, superantigas, de autores mortos”, mas também porque sente que a palavra tem vindo a ser esvaziada “pela comunicação social, pelo audiovisual, pelo teatro, pelo cinema”, regressando sempre aos mesmos clichés que, de tão batidos, parecem perder o sentido e já não significar coisa alguma. Daí que, depois de se ter sentido completamente consumido pela escrita do texto para o seu primeiro espectáculo, *As Árvores Deixam Morrer os Ramos mais Bonitos*, estreado em 2019, sabia que a sua próxima paragem criativa (e primeira encenação) teria de fugir à armadilha “textocêntrica”.

Quis, por isso, construir um espectáculo que pudesse evitar o compromisso com uma narrativa linear, libertando o público da obrigatoriedade de se pôr a tentar descobrir ou adivinhar uma história naquilo que acabasse por colocar em palco. E foi assim que, enquanto escutava a Sinfonia n.º 5 de Beethoven, começou a imaginar “o que seria tentar traduzir aquela música em matéria tea-

tral”, explica ao PÚBLICO. *Arena*, espectáculo concebido pelo jovem actor e encenador que se vem apresentado (até dia 19) de quarta-feira a domingo na Garagem do Chile, em Lisboa, partiu desse impulso. “Tal como os coreógrafos pegam no *Lago dos Cisnes* e criam uma peça, será que encenadores podem fazer a mesma coisa com as suas ferramentas e para os seus desígnios?”, perguntou-se. *Arena* é a resposta a essa pergunta.

Foi atrás dela que Sílvio Vieira partiu para o trabalho com o elenco (Anabela Ribeiro, André Cabral, Catarina Rabaça, Inês Realista, Miguel Galamba, Miguel Ponte e Pedro Peças), começando por experimentar situações a partir do conflito que ouvia na relação entre os instrumentos que Beethoven colocou no papel. Mas, à medida que foi chegando a algumas das cenas que compõem *Arena*, o grupo decidiu eliminar toda a música pré-gravada e ficou apenas com uma melódica tocada ao vivo.

Um lugar especial

Tendo começado a sua carreira no Teatro da Cornucópia, Sílvio rodeou-se de actores que, tal como ele, não têm propriamente experiência em teatro físico. Aquilo que lhe interessava era, afinal, essa descoberta colectiva e partilhada de como sustentar uma peça sem ter um texto como âncora. E muito embora a narrativa possa não ser a mais evidente, ela está lá e não se esconde do público. Nos primeiros minutos, vemos seis pessoas que se movem em con-



Arena ocupa uma antiga oficina automóvel hoje desocupada, a Garagem do Chile, lugar habitado pelo silêncio

Sílvio Vieira quis construir um espectáculo que evitasse o compromisso com o texto e com uma narrativa linear

junto, investigam e exploram o espaço, trepam escadas, atiram-se contra um colchão na parede, varrem o chão, circulam num andar apressado, como que evadidas de um filme mudo. Até que, da “piscina” ao fundo da Garagem do Chile (uma antiga oficina de automóveis desocupada), emerge uma astronauta que se intromete no grupo. E, a partir daí, tudo muda.

Após um primeiro contacto com o colectivo (a que Sílvio Vieira chama Jan, conferindo-lhe um estatuto de personagem individual), um inocente jogo das cadeiras leva a que a astronauta “roube” o lugar a um dos membros daquela família. E assim que acolhe um novo elemento e exclui um outro, a Jan começa a desagregar-se. De alguma forma, esse

momento de viragem representa um avanço na direcção da maturidade destes seres que abandonam uma certa infantilidade e o seu lado lúdico, passando a viver de acordo com regras menos claras, ao mesmo tempo que se emancipam e as suas relações se deslaçam. “É como se ela [a astronauta], ao chegar e introduzir um elemento de estranheza no grupo, estivesse a fazê-los crescer”, propõe o encenador. Até ao ponto em que todos se reúnem numa assembleia, em torno do fogo, numa recriação da *Alegoria da Caverna*.

Munindo-se de referências do cinema mudo, do *foley* (técnicas de sonoplastia) e da construção musical, e da inspiração num excerto de *A Solidão nos Campos de Algodão*, de Bernard-Marie Koltès, os sete actores brincam com os objectos que encontram em cena, como se neles descobrissem uma utilidade dissociada da sua função habitual. O exemplo maior, no entanto, estará na própria sala. Ao procurar um espaço onde pudesse ensaiar a qualquer hora e programar uma carreira mais longa do que os habituais três ou quatro dias, Sílvio Vieira acabou por alugar a Garagem do Chile, graças aos apoios extraordinários conseguidos em período de pandemia. E, assim, *Arena* acabou por se ajustar e se desenvolver em função deste espaço concreto, apetrechado com um tanque-piscina, uma *mezzanine* ou uma pequena divisão para onde o “palco” se estende. Todo um lugar especialmente pensado para acolher o silêncio.

P

ípsilon

EXCLUSIVO

Assine já

TEATRO

A Alegoria da Caverna numa garagem de Lisboa

Na sua primeira encenação, Sílvio Vieira apresenta até 19 de Dezembro, na Garagem do Chile, em Lisboa, uma peça silenciosa chamada *Arena*. Do cinema mudo a Platão, da desagregação à emancipação.

Gonçalo Frota

3 de Dezembro de 2021, 17:44





LEONOR FONSECA

Sílvio Vieira já andava convencido de que a palavra está “um pouco gasta” nos palcos de teatro. Porque é impossível não se ser assombrado pelas “palavras riquíssimas, super antigas, de autores mortos”, mas também porque sente que a palavra tem vindo a ser esvaziada “pela comunicação social, pelo audiovisual,

Ano novo, assinatura nova

2022, ofereça o jornal que
lhe dá toda a cultura

Assine já
([https://www.publico.pt/assinaturas/natal2021?
trackingId=bac5f84ea0b3ab0841e46e2040848c22a240af54b8cbcb9e13](https://www.publico.pt/assinaturas/natal2021?trackingId=bac5f84ea0b3ab0841e46e2040848c22a240af54b8cbcb9e13))

Já é assinante? [Inicie sessão \(javascript:void\(0\);\)](#)